

## MACHADO DE ASSIS: UM ESCRITOR DE *METACRÔNICAS*

Clodoaldo Sanches Fófano (FTU/UNIFSJ)

[clodoaldosanches@yahoo.com.br](mailto:clodoaldosanches@yahoo.com.br)

Dulce Helena Pontes-Ribeiro (UERJ/UNIFSJ)

[dulcehpontes@gmail.com.br](mailto:dulcehpontes@gmail.com.br)

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo refletir sobre a análise da crônica *Histórias de 15 anos – 1º de novembro de 1877*. Tal texto faz parte de uma coletânea escrita por Machado de Assis sobre diversos assuntos, sob o pseudônimo de Manassés, publicada originalmente na revista *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro. A fim de realizar o exercício das avaliações propostas, faz-se necessário inicialmente apresentar certos dados da biografia do autor, após discutir de forma breve a origem do gênero narrativo crônica, que é de linguagem simples e prosaica. Em seguida, expõe-se a prática utilizada para as análises discursivas, que são construídas a partir dos postulados na análise do discurso de linha francesa. Na construção deste artigo realizou-se pesquisa bibliográfica de base qualitativa, considerando as contribuições de teórico como Sonia Brayner (1992), Fiorin (2008), Massaud Moisés (1990), Eni Puccinelli Orlandi (1987; 1999), Jorge de Sá (1985), entre outros. Por fim, concluiu-se que Joaquim Maria Machado de Assis utilizou a linguagem com grande habilidade, transcendendo a denotação, sugerindo diversas maneiras de se criarem assuntos que podem valer como pré-texto para se iniciar uma crônica, tornando-se, desse modo, um escritor de “*metacrônicas*” jornalísticas, com uma ideologia presente por trás dessa atividade. Sendo assim, verificou-se que essa insistência em tratar de tal tema é fruto de uma necessidade da época, pois é provável que os intelectuais discutissem esse atrativo para vendas e público, para que a crônica pudesse servir como um instrumento de denúncias sociais.

**Palavras-chave:** Análise discursiva. Crônica. Denúncias sociais. Machado de Assis.

### 1. Introdução

A crônica transita entre estes dois polos, entre ser no jornal e para o jornal. Diferencia-se do texto jornalístico, por não visar à informação, pois seu objetivo (declarado ou não) é ultrapassar o mero comentário diário, a banalidade dos acontecimentos humanos, e atingir a universalização, mesmo que sua temática se utilize do *fait divers* e do que se costuma considerar trivial. (LIMA, 2001, p. 05)

A história da crônica no Brasil se confunde com a própria trajetória do jornalismo contemporâneo. Com o objetivo de entretenimento, de um modo geral, ela começou a consolidar-se no país em meados do século XIX e desde então tornou-se um gênero quase obrigatório para os jornais brasileiros e mais executado ou exclusivo de alguns autores razão pela qual de se considerar a crônica um gênero textual misto, fruto de uma fusão entre literatura e jornalismo. Nesse sentido, Massaud Moisés garante que “em toda a crônica os indícios de reportagem se situam na vizinhança, quando não mescladamente, com o literário; e é a predominância de uns e de outros que fará tombar o texto para o extremo do Jornalismo ou da literatura” (MOISÉS, 1983, p. 248). Mas, afinal, como se faz uma crônica?

Machado de Assis, um dos principais fundadores da crônica moderna, no próprio exercício de uma de suas crônicas, *ensina* o caminho das pedras. Ele é autoridade nesta temática. Valeu-se da crônica durante quatro décadas, escreveu-as e as publicou em jornais como o fazia com seus poemas e romances em capítulos. O literato escrevia suas crônicas sob pseudônimos. Não obstante, só 40 anos após sua morte é que se descobriu o verdadeiro autor das crônicas de *Lélio*.

Num primeiro momento, o estudo optou por discorrer sobre curiosidades da biografia machadiana, já que o espaço de um artigo é diminuto para ser utilizado com informações que se encontram por todos os lados impresso e *on-line*, portanto foram selecionadas certas particularidades bibliográficas apenas para reviver um pouco sua vida e alguns traços idiossincrásicos de sua obra, em especial da crônica. Num segundo momento, o foco é o gênero discursivo crônica – de sua origem ao exercício de análise. Num último momento faz-se uma apreciação analítica da crônica machadiana “Histórias de 15 Anos”, com a data 1º de novembro de 1877 – oportunidade em que o próprio Machado de Assis, escrevendo sua crônica, ensina ao leitor como é elaborar esse gênero, ou seja, o autor faz uso da *metacrônica*. Melhor explicando: a crônica se torna o veículo de teorização sobre o gênero crônica e de didatização de elaboração do texto desse gênero texto ao leitor a elaboração, mas, na verdade, a receita dada não produz o produto em série, vai depender do talento de cada autor.

## **2. Singularidades machadianas: vida e obra**

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 21 de junho de 1839, na chácara do Livramento, Rio de Janeiro. Seu pai, descendentes de escravos, era pintor de paredes; sua mãe, descendente de portugueses, fazia os trabalhos domésticos. Corria nas veias do menino mestiço, de origem humilde, o sangue africano numa época escravocrata. Mas como emergiu essa celebridade internacional na vida adulta? A metamorfose não foi gratuita. Valendo-se de sua qualidade de autodidata e do contato com importantes personalidades intelectuais da época, o menino, ou melhor, o adolescente, lutou e avançou do anonimato à imortalidade. É como ele dizia: “corro também atrás da sorte grande...” (FARACO, 1994, p. 53)

Na verdade, na sua meninice, houve algumas influências: o pai assinava o célebre *Almanaque Laemert* – o que talvez lhe tenha aguçado curiosidades diversas de cultura geral. Também a convivência em um ambiente permeado pelo discurso religioso católico foi outra fonte de aprendizado.

Machado deu provas de conhecer a fundo cada um dos mecanismos presentes na religião – em especial a católica – e fazê-los falar na sua obra. Seus contos e romances estão repletos de padres e ritos, mas, mais que isso, estão cheios, direta ou indiretamente, também de passagens bíblicas, imagens da tradição católica e personagens dessa tradição e, ainda, símbolos que se identificam com o pensamento cristão. (BRUM, 2009, p. 17)

A ambição de pertencimento à ilustre sociedade carioca o impeliu a saltar de profissões (tipógrafo, revisor de textos, autor) e a sair do bairro para a cidade. Foi funcionário público e como tal exerceu diversas funções: oficial de gabinete de ministro, membro do Conservatório Dramático, oficial da Ordem da Rosa e diretor na Diretoria do Comércio. No século XIX, em especial, na década de 50, o referido escritor trabalhou como revisor de provas no *Correio Mercantil*, além de publicar textos, e no *Diário do Rio de Janeiro* como redator e repórter. Machado de Assis exerceu também o papel de censor no Conservatório Dramático no período de 1862 a 1864. Ascensão e acolhida social eram conquistas que não lhe vieram gratuitamente, mas por obra da habilidade impecável de comportamento e de uso da linguagem. Desse modo, o passado do menino fica para trás. É a vida gloriosa que se descortina e perpetua o autor.

E foi assim que o escritor começou a fazer parte dos ambientes literários, divulgando seu nome com comprometimento através da sua formação intelectual, por intermédio da leitura persistente e atenta e do

estudo da língua portuguesa literária. Forma-se o gênio literário cujo mérito lhe é exclusivo e resulta de um itinerário iniciado na adolescência, quando, aos 16 anos publicou o poema *Ela*. De lá para adiante, gradativamente a genialidade vai se formando até a apoteose com o lançamento das obras da maturidade.

Autores como Gonçalves de Magalhães, Alexandre Herculano, Garret, Castilho, Gonçalves Dias, Victor Hugo, João Francisco Lisboa, Álvares de Azevedo, Alencar, Musset e Byron motivaram a formação acadêmica de Machado de Assis. Foi por meio de seus vínculos com a Sociedade Retiro Literário Português, com o Clube Beethoven e a Associação dos Homens de Letras do Brasil, que Machado de Assis instituiu a Academia Brasileira de Letras (ABL) que, no momento de sua fundação e organização, institucionalizou a profissão de escritor, servindo de caminho e sucesso de um longo processo de avanço da atividade, do ofício da escrita.

Sobre o referido autor, ressalta Eloísa da Silva Moura: “Machado de Assis desenvolveu uma brilhante carreira, embora suas origens pudessem conduzi-lo a condições marginal na sociedade, o que, na verdade, não ocorreu” (MOURA, 2007, p. 33). E Antonio Candido assegura:

Machado era mestiço de origem simples, começou pobre, porém foi um dos representantes no império liberal, acabou recebendo título de nobreza e carregando pastas ministeriais. Com apenas cinquenta anos era um dos maiores escritores do país. (CANDIDO, 1995, p. 17-18)

Na contramão de muitos autores que se refletem nas obras que produzem, o homem Machado de Assis se mantém à margem do narrador observador, metucioso no modo de ver, e do narrador onisciente, que aprofunda na análise psicológica de suas personagens lhes sondando as razões ocultas das ações humanas. Por meio de um estilo enxuto, singular e irônico, Machado de Assis muitas vezes sai do texto para conversar com o leitor, levando-o a reflexões profundas extraídas do cotidiano e se esquecendo, por vezes, do enredo, o qual fica delegado a segundo plano nas narrativas machadianas. Ele mesmo assim se expressara: “Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto”. (FARACO, 1994, p. 68)

Seu talento não se circunscreve à vida letrada mas abarca ainda as relações sociais. Não era fácil um mulato ascender-se numa sociedade escravocrata, participar de ambientes elitizados. Foi-lhe preciso muito ta-

to, uma penetração perspicaz no domínio dos homens letrados de modo que não fosse de vez dali excluído. E foi com uma civilidade terna que ele alça o ápice de sua carreira de escritor: funda com seus pares a Academia Brasileira de Letras, sendo seu primeiro presidente.

Em 1908, “falece o imortal” Machado de Assis.

### **3. Breve estudo sobre a crônica e sua origem**

Afinal, o que é crônica?

Trata-se de um gênero narrativo ou reflexivo breve, episódico e comunicativo, que, em essência, registra um flagrante do cotidiano, sob os enfoques pitoresco e inusitado, com leve humor e reflexão existencial. Para tanto, faz uso de uma linguagem não raro coloquial, irreverente e permeada de lirismo reflexivo, que faz o leitor repensar o mundo pela emoção ancorada na razão; registra observações de interesse social, conta história que poderia ter sido vivenciada por qualquer leitor, e o modo de contá-las o leva à reflexão, a um melhor entendimento de suas questões existenciais, a uma interação/identificação com acontecimentos e personagens. Por razões como essas, a leitura de crônica é envolvente e agradável.

E como surgiu esse gênero? Do latim *chronica* (=tempo), a palavra *crônica* na antiguidade era o registro de eventos em ordem cronológica. Na verdade, esse gênero textual, no período interbíblico, já existia, mas com outra nomenclatura, visava registrar acontecimentos referentes à história dos reis de Judá, possivelmente escritas por Esdras, que era escriba e profeta na época, por isso a Bíblia apresenta esse gênero como parte de sua formação canônica, já com um caráter documental. Jerônimo, tradutor do Antigo Testamento para o latim (*Vulgata Latina*), no século IV, foi quem nomeou tal parte das Escrituras Sagradas de *I e II Crônicas*. Antes de serem chamados dessa maneira, no texto original hebraico, esses registros eram chamados de *Acontecimentos dos dias*. Os tradutores e criadores da Septuaginta (nome da versão da Bíblia hebraica) chamavam-lhes de *Coisas que aconteceram*. Segundo Lenise Ribeiro Dutra, “A etimologia do vocábulo pressupõe a marca temporal do texto que não passa de mero relato sobre uma ou outra personagem, sendo o objetivo primeiro o registro histórico e a documentação” (DUTRA, 2007, p. 53). Logo, a gênese da crônica implica conhecimento histórico.

Na Idade Média aparece novamente a crônica, um tipo de texto que servia para documentar as histórias de reinos, em ordem cronológica. Em 1934, Fernão Lopes, foi promovido como cronista-mor do reino português, para tanto, incluía em seus escritos não só as ações dos reis e nobres, mas também do povo. Além disso, submetia os dados a um criterioso exame, “no sentido de colocar o leitor a par dos mínimos detalhes que caracterizavam a história e até a valorização do espaço plástico que o texto proporciona” (DUTRA, 2007, p. 53). A partir de então a crônica evoluiu bastante, pois, com Fernão Lopes, adquiriu “superior relevância, graças ao sentido duplo com que é praticado: o literário e o histórico propriamente dito. (MOISÉS, 1990, p. 32)

Em relação à história da crônica no Brasil, verifica-se que o primeiro escrito que trazia informações sobre o Brasil, era uma crônica, escrita por Pero Vaz de Caminha, a *el-rei* D. Manuel. Nessa, o cronista objetivava fazer descrições gerais da terra nova descoberta. Tal momento assinala a primeira impressão sobre a paisagem brasileira descrita com o entusiasmo de um cronista, inaugurando um processo literário, sendo considerada a certidão de nascimento do Brasil, reconhecida também como “literatura de informação”, em razão da importância histórica tanto para brasileiros quanto para portugueses. Para portugueses porque foi o meio com que eles apresentaram até com certo exagero, através da manipulação da linguagem, o deslumbre das terras conquistadas. Tal exagero foi proposital, era uma forma de apresentar a outras nações uma grande conquista na tentativa de elevar Portugal como grande nação, nivelando esse país às grandes potências europeias da época. Indiscutivelmente a *Carta* é uma crônica já que seu autor não se limita à linguagem referencial. Mais que isso, Caminha, em muitos momentos, recria o real como artista. Assim, pode-se afirmar que, oficialmente, a literatura brasileira nasceu da crônica.

Mas foi com o advento da imprensa (século XIX) a crônica passou a ser matéria de jornais. Isso ocorreu, pela primeira vez no *Journal de Débats*, em Paris, em 1799. Além de informar o leitor sobre algum evento da semana, os textos eram curtos e críticos. Era uma publicação de vida breve, afixada no rodapé dos jornais. Para tanto, seu renascimento está ligado ao folhetim, compreendido aqui não como o romance, mas como um espaço que abriga uma série de textos voltados ao entretenimento, escritos para uma burguesia que não queria pensar. O termo “crônica” durante esse período, esteve associado a escritos sobre os mais variados assuntos, da política ao teatro, dos eventos sociais aos esportivos,

dos acontecimentos do dia a dia ao universo íntimo de cada autor, essa miscelânea temática talvez possa ser explicada pelo fato dela ser publicada em um espaço destinado a variedades.

No Brasil, ela chega só no século XIX. Alencar se destaca nesse ofício. Com o tempo, a crônica foi tomando outra feição: o seu caráter documentário foi cedendo espaço ao literário, ao poético, ao fantasioso, com uma linguagem cada vez mais leve e lírica. Com objetivo de entretenimento, de um modo geral, esse gênero começou a consolidou-se, tornando-se um texto quase obrigatório para os jornais brasileiros, passando a oscilar “entre a reportagem e a literatura, entre o relato impessoal, frio e desconhecido de um acontecimento trivial, e a recriação do cotidiano por meio da fantasia” (MOISÉS, 1983, p. 247). Ela, conforme Carlos Drummond de Andrade,

[...] surge inesperadamente como um instante de pausa para o leitor fatigado com a frieza da objetividade jornalística. De extensão limitada, essa pausa se caracteriza exatamente por ir contra as tendências fundamentais do meio em que aparece [...]. Se a notícia deve ser sempre objetiva e impessoal, a crônica é subjetiva e pessoal. Se a linguagem jornalística deve ser precisa e enxuta, a crônica é impressionista e lírica. (ANDRADE, 1999, p. 13)

Mas é com Machado de Assis que a crônica ascende à excelência literária. Com fino humor e sarcasmo Machado de Assis se destaca no gênero crônica também abordando temas banais e corriqueiros se afinando pelo tom que será a partir de então

[...] o da crônica brasileira, voltada para as miudezas do cotidiano, onde acha a graça espontânea do povo, as fraturas expostas da vida social, a finura dos perfis psicológicos, o quadro de costumes, o ridículo de cada dia e até a poesia mais alta que chega alcançar, como em tantas de Rubem Braga. (ARRIGUCCI JÚNIOR, 1987, p. 59)

Hoje, a crônica ganhou espaço na rede virtual onde a efemeridade dos textos se torna bem mais evidente do que a da mídia impressa. Seja como for, o cronista é considerado poeta dos acontecimentos triviais, situando-se entre o jornalista e o literato; abastece-se de eventos cotidianos, aos quais confere um ar próprio, afastando-se assim dos textos informativos; narra não exatamente o que é, mas o que pode ser ou poderia ter sido; seus olhos percebem o que os do leitor comum não alcançam. Enquanto “o jornal nos dá notícias da vida e da morte; a crônica nos faz compreender a coexistência desses dois elementos que se opõem, mas não se excluem”. (SÁ, 2011, p. 56). Conforme Rubem Braga (*apud* SÁ, 2011, p. 12), o cronista como “o escrivão do cotidiano compõe um claro caminho, através do qual o leitor reencontra o prazer da leitura e – mes-

mo que não o perceba – aprende a ler na história ‘inventada’ a sua própria história”.

Muitas vezes o cronista dialoga com o leitor na sua intimidade, como numa conversa informal, narrando seu texto em primeira pessoa – o que confere uma visão particular dele sobre o tema abordado, o seu modo de entender o mundo. Há quem considera o cronista como “o espião da vida”. De fato, a crônica é um comentário breve do autor sobre algum evento (banal ou relevante) do cotidiano, partindo do micro para o macro. Assim, cabe ao cronista revelar algo inusitado ou poético naquilo que é parte do cotidiano prosaico.

#### **4. Histórias de 15 dias (Machado de Assis)**

Nesta seção elegeu-se para estudo uma crônica machadiana que faz parte do conjunto dos textos reunidos sob o título *História dos Quinze Dias*, datada de 1º de novembro de 1877, na qual o autor se vale da crônica para explicar ao leitor como se elabora esse gênero e de que ele é feito. Explica-se, *a priori*, o tipo de análise a ser desenvolvida para, em seguida, analisar a crônica.

##### **4.1. Exercício de análise da crônica**

A análise proposta é discursiva. Na análise discursiva o foco principal é o discurso (também conhecido como enunciação) e seus elementos que contribuem para a construção discursiva. Assim, cabe destacar enunciador, interlocutor, linguagem, situação histórico-social (conhecida também por contexto), intertexto, intencionalidade, ideologia, implícito, etc. O discurso, na concepção de Eni Puccinelli Orlandi,

[...] não se trata de transmissão de informação apenas, pois no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeito e sentido afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeito e produção de sentido e não meramente transmissão de informação. (ORLANDI, 1999, p. 21)

Há algo mais tênue, gracioso e intangível, que não é característica de textos jornalísticos, é uma das particularidades marcantes da crônica. Para isso, o cronista utiliza a palavra escrita, com carga semântica subjetiva. É essa magia latente que torna a crônica um texto sugestivo para a análise do discurso, possibilitando uma apreciação mais abrangente. Lo-

go, as palavras falam com as outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso, ou seja, as palavras recebem seus sentidos de formação discursiva em suas relações. Para corroborar com essa discussão, resalta Eni Puccinelli Orlandi, firmando-se em Michel Pêcheux (1975):

O sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; e é por esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (*metaphora*), que elementos significativos passam a se confrontar, de como que se revestem de um sentido. (ORLANDI, 1999, p. 44)

A subjetividade do gênero crônica, na atualidade, gera um *eu* que fala a um *tu* (ser interpelado) resultando em uma intersubjetividade, havendo, portanto, troca de papéis entre enunciador e enunciatário). E é dentro dessa subjetividade que está a ideologia que o sujeito discursivo quer comunicar com seu interlocutor. Portanto, a linguagem se torna um código ideológico. Essa subjetividade, que não é característica dos textos jornalísticos, é uma das características marcantes da crônica. A carga semântica utilizada pelo cronista por meio da palavra escrita “possui uma magia latente, um poder de evocar outras ideias além das que lhes é implícita” – é o que declara Othon Moacyr Garcia (1997, p. 162) ao interpretar Joseph Vendryes (1950). É, então, essa magia latente que torna a crônica um texto sugestivo para análise do discurso e também possibilita uma análise ampla.

Assim, através do foco narrativo em primeira ou em terceira pessoa o enunciador estabelece um diálogo com o interlocutor. Por isso, José Luiz Fiorin salienta:

[...] o sentido do texto não é redutível à soma dos sentidos das palavras que o compõem nem dos enunciados em que os vocábulos se encadeiam, mas que decorre de uma articulação dos elementos que o formam – que existem uma sintaxe e uma semântica do discurso. (FIORIN, 2008, p. 44)

Normalmente, a crônica apresenta linguagem simples e pode assumir caráter lírico, filosófico, crítico ou humorístico. Para descobrir seus variados registros discursivos, deve-se fazer uma leitura de apreciação, pois, junto a outros elementos importantes para a completude discursiva, possibilita uma interpretação global, que conduz o leitor a uma determinada visão de mundo. Essa leitura crítica proporcionará valorização da crônica, na medida em que o leitor descobre sua significação. Apesar do texto jornalístico na modernidade apresentar uma linguagem objetiva, a crônica, entretanto, desde seu nascimento, possui uma linguagem subjetiva.

Como todo gênero, a crônica emerge de um contexto histórico-social implicando propósitos, intencionalidade. Conhecer essas implicações traz luz ao entendimento do texto, que também se faz de uma gama de intertextos e implícitos.

Distinto do discurso jornalístico, pelo imediatismo de produção e publicação dos fatos/acontecimentos históricos diariamente narrados e descritos sem preocupação estética, o gênero crônica pode fazer uso dessa gama de conteúdos históricos e jornalísticos, mas com um discurso híbrido pincelado de poesia, ficção, subjetividade. Esse gênero é

A literatura do jornal. O jornalismo da literatura. É a pausa da subjetividade, ao lado da objetividade da informação do restante do jornal. Um instante de reflexão, diante da opinião peremptória do editorial. [...] É, pois, a expressão jornalístico-literária da necessidade de não desistir de ser e sentir. A crônica é o samba da literatura. (TÁVOLA, 2001)

Enfim, a partir desses elementos discursivos é que se construirão as análises da crônica que é o *corpus* deste trabalho, onde ocorrem os domínios dos discursos jornalístico e histórico (envolvendo tempo e cotidiano), de um lado, e, de outro, o discurso literário mobilizado pela fabricação criativa, ficcional e poética – um fascinante mecanismo explicado por Machado de Assis nesta sua metacrônica "Histórias de 15 Dias".

#### **4.2. Histórias de 15 anos – 1º de novembro de 1877**

O discurso se inicia com o enunciador interagindo com seu interlocutor, na tentativa de demonstrar como se escreve uma crônica. Dessa forma, introduz em seu discurso a ideia de que o que vai demonstrar para a construção de tal produção literária é “um meio *certo*” e *trivial* que são dois adjetivos que podem ser substituídos pelos sinônimos *seguro* e *simples*: “Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade”. Esse trecho revela que não há erro, ao seguir os passos que serão anunciados. Isso se evidencia pela expressão “um meio certo”, que com certeza contribui para manipular e convencer o interlocutor de tal fato. Em seguida, Machado de Assis apresenta para o interlocutor os passos, como se fossem uma “receita de bolo”:

Que calor! que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, *ela glâce est rompue*; está começada a crônica.

Eis aí várias maneiras de como o enunciador sugere se começar a crônica. Para ele, dá certo iniciar, assim, de modo tão simples e trivial. Nessa “receita”, instaura-se o tema ou, melhor dizendo, o pré-texto de uma crônica. Interessante observar, no fragmento acima, que quase todas temáticas estão relacionadas com questões climáticas, com doença devastadora para época (febre amarela) e, por último, destaca: “manda-se um suspiro a Petrópolis” – cidade onde estava localizada a moradia de verão da Família Real e onde o clima é ameno. Por certo, qualquer desses assuntos chamaria muito a atenção do público leitor, principalmente quando utilizados dentro de uma linguagem cheia de signos e símbolos.

Ressalta Sonia Brayner: “Machado recolhe as notícias e, como em um ‘panorama visual’ em moda na segunda metade do século, dá-lhes um enquadramento de significação” (BRAYNER, 1992, p. 413). Continuando, a mesma autora esclarece:

Dentro desse mosaico da historicidade, o leitor e o autor são capazes de reescrever, graças aos ardis do texto e de seus novos ritmos, aquela oralidade aparentemente condenada às conversas de confeitaria, esquinas, saraus, teatros. E os assuntos “nobre” – política, administração do império, fatos, internacionais – democratizam-se, agora redistribuídos pela voz do cronista desatento às hierarquias sociais. (BRAYNER, 1992, p. 414)

A situação enunciativa prossegue com o cronista em um processo de interlocução, chama a atenção dos leitores para o fato de que esse “meio”, ou seja, tal receita apresentada é muito antiga: “Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas que apenas datam de Esdras”. Assim, Machado de Assis estabelece um intertexto, fazendo alusão à história e personagens da Bíblia para fazer com que seu interlocutor compreenda o quanto esse gênero textual é antigo e que este também, como o enunciador, deve se valer desse expediente.

Sobre o intertexto como elemento discursivo, Ingedore Grunfeld Villaça Koch, citando Roland Barthes (1974), destaca:

O texto distribui a língua. Uma das suas vias dessa construção é a de permutar textos a fragmentos de textos, que existiriam ou existem ao redor do texto considerado, e, por fim, dentro dele mesmo; todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variados, sob formas mais ou menos reconhecíveis. (BARTHES, *apud* KOCH, 2008, p. 59)

Tal intertexto identificado foi oportuno para a completude discursiva e ao mesmo tempo instrumento de convencimento do interlocutor em relação ao assunto tratado, porque nessa época praticamente todos conheciam as histórias bíblicas, pois, apesar do sincretismo religioso pre-

sente na época, a religião que prevalecia era o catolicismo romano. No entanto, alguns até iam às cartomantes, mas não deixavam de frequentar as missas. Ao fazer menção a Esdras, Machado de Assis sabia da possibilidade desse personagem bíblico ter utilizado a crônica para registrar as histórias dos reis de Judá. Portanto, se tal informação proceder, pode-se afirmar que Esdras era um cronista. E eis mais um ingrediente para a receita da crônica, pois sendo ela um gênero indefinido por ser transitório entre o literário e o jornalístico, conforme Massaud Moisés (2004), é plausível trabalhar com a imprecisão.

Um fator intrigante é que o cronista volta a falar de calor: “Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas”. Assim, como se observa, parece que o vocábulo *calor* está sendo usado pelo enunciador com o sentido conotativo. Logo, pode-se pensar em calor como agito, confusão, fruto de alguma insatisfação governamental por parte da burguesa. Dessa maneira, o literato faz uso desse artifício para poder maquiagem sua linguagem e deixar que seu interlocutor faça inferências e compreenda aquilo que está implícito e que ele não quer, ou não pode relatar. Assim, o leitor da crônica de Machado de Assis *aprende* sobre a linguagem do gênero: um misto de conotação e denotação.

Essa leitura se configura quando o cronista citou em seu discurso os patriarcas em forma de lista/enumeração e disse que, naquela época, “antes mesmo de Noé”, já havia calor e crônica. Um estudioso das Escritas Sagradas sabe que antes mesmo de Noé já existiam conflitos e lutas de poder. Assim, na época de Noé, Deus mandou o dilúvio devido à tamanha corrupção que estava sob a terra. Portanto, essas crônicas, serviriam para fazer o povo refletir, despertar para a situação “calorenta” na qual se encontrava o Segundo Império. O leitor, portanto, observa que a crônica envolve o contexto sócio-político do cronista.

Decorre, pois, que, para se chegar a tal compreensão, foi necessário perceber a influência do contexto histórico discursivo da época que, de acordo com Eni Puccinelli Orlandi,

[...] inclui tanto os fatores da situação imediata (contexto de situação no sentido escrito) como os fatores do contexto sócio-histórico e ideológico (contexto da situação no sentido lato) [...] o contexto de situação (ou situação imediata de comunicação ou situação de enunciação) é aquela situação mais bem definida de interação comunicativa. (ORLANDI, 1987, p. 30-31)

Beatriz Resende (1992, p. 420) concebe Machado de Assis como um escritor “voltado para a elite intelectual do país, que era esse ‘mar de

analfabetos””. É nesse sentido, que pode se afirmar que sua autoria cria um clima de cumplicidade com o seu leitor. Dessa maneira, o referido cronista assumiu a missão civilizadora de autoria no período de urbanização do Rio de Janeiro Imperial, ainda assentado sobre a barbaria da escravidão. De acordo com Arnaldo Niskier (2001. p. 13) “Machado de Assis ensinou o Brasil a ser ele mesmo através de seu olhar de compaixão, de tranquila ironia e quase sempre largo entendimento”. (NISKIER, 2001. p. 13)

Quando o cronista se refere ao paraíso, lugar criado por Deus para se encontrar com o homem na viração do dia, declara: “é certo que o calor era mediano”. O vocábulo “mediano” transmite uma ideia de equilíbrio. Pode-se concluir que um calor mediano é um calor que não incomoda, e um fator contribuinte para não criar esse incômodo seria o fato de Adão andar nu, que também pode significar um andar sem maldade, sem ambição, pois o paraíso, na narrativa bíblica, era um ambiente em que o pecado ainda não tinha contaminado a alma do homem; portanto, não havia conflitos, nem confusão.

Ao apresentar as duas razões que Adão andava nu, chama-as de “capital” e “provincial”. A primeira parece relacionada com o que já foi dito anteriormente, por não haver pecado, não havia por que o homem se vestir, já que o homem só sentiu vergonha de sua nudez após o pecado. Então se cobriu com folhas de figueira. E essa razão é chamada como tal porque parece que as coisas na capital são mais puras, elitizadas, “santas”. Na segunda razão as coisas parecem mais pervertidas, o homem já tem alfaiate, precisa se vestir, ou seja, já entrou o vírus do pecado na alma humana. E, ao justificá-la como “provincial”, ressalta que “as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem”. Como relatam as Escrituras, as circunstâncias do primeiro homem (Adão) se tornaram corruptas por causa do pecado original.

Assim, a consumação do pecado fez com que o homem fosse expulso do paraíso. A maldade e o pecado começaram a produzir conflitos, intrigas, insatisfações e lutas de poder e tantas outras situações que antes não existiam. Nas palavras do cronista tal fatalidade se configura da seguinte forma:

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Nesse trecho, depois de toda essa simbologia, o enunciador deixa entrever, implicitamente, que as causas de tantos problemas sociais e que servem de assunto para se criar uma crônica, surgiu com o “primeiro homem”. E, assim, esse gênero discursivo se torna um instrumento sociopolítico de denúncias. Mais uma lição para o leitor aprender e utilizar em sua crônica.

Em seguida, o enunciador retrocede, de uma forma brusca (quase quebra a linearidade discursiva), à origem da crônica, explicita uma incerteza, mas apresenta uma possibilidade:

[...] mas há toda a probabilidade de crer que foi coletânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais en-sopada do que as ervas que comera.

Assim, parece que, de acordo com essa possibilidade referida, a crônica primeiramente nasceu como texto na modalidade oral da linguagem (fala), semelhante à origem do conto. E o pré-texto que motivava tal diálogo diário era provavelmente as lástimas do “calor”. Igualmente, essa conversa (crônica) pode tomar outras formas; seus interlocutores podem trocar de tema como quiserem: “Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica”. Com isso, o enunciador deseja ensinar para os seus interlocutores que a crônica pode variar de forma como gênero discursivo. E assim sua confecção se torna algo trivial (simples), fácil e natural.

Como se observa, Machado de Assis foi um escritor de *metacrônicas* jornalísticas. Existe uma ideologia presente por trás de tudo isso. O porquê dessa frequente atividade é difícil de explicar, o que se tem são suposições. Sendo assim, Tattiana Teixeira (2002) declara que essa insistência em tratar desse tema é fruto de uma necessidade da época, pois é provável que os intelectuais discutissem tal atrativo para vendas e público. Outro motivo, ainda na opinião da referida autora, seria uma tentativa intencional de criar um elo de aproximação com o interlocutor, fingindo compartilhar com ele a dificuldade que permeia o dia a dia de um cronista. Assim, essas duas suposições teriam por objetivo levar o interlocutor a dar maior importância e respeito a esse gênero literário.

Tal importância desejada por Machado de Assis se explica pelo fato de que ele sabia que a crônica era a ponte entre ele e os seus interlocutores, fazendo com que estes, através dos seus discursos, interessas-

sem-se pelas lutas políticas de seu tempo e tentasse de alguma forma intervir com o objetivo de diminuir as injustiças sociais. Assim, a crônica seria um texto de denúncias sociais. Para entender essas “dicas” que o cronista dá para o interlocutor, necessário se torna saber ler as entrelinhas, o não dito no dito.

## 5. *Considerações finais*

Diante do estudo realizado, percebeu-se que a crônica é um instrumento de intervenção na sociedade. Foi por intermédio de crônicas que Machado de Assis denunciou diversos problemas sociais. Por isso, o referido enunciador valoriza tanto tal gênero textual, inclusive escreve crônicas discutindo a produção da própria crônica, o que se chamou aqui de *metacrônica*<sup>99</sup>.

A crônica, da mesma forma como as notícias e reportagens, também surgiu nos jornais. No final do século XIX, autores como Machado de Assis costumavam publicar textos breves, com forte teor crítico e carregados de ironia e bom humor, nos quais comentavam acontecimentos noticiados no jornal ao longo da semana. Tal característica das crônicas permitia compreendê-las como um gênero efêmero, que perdia em parte seu sentido quando lido muito tempo depois de sua publicação, tal como ocorre com as notícias.

Na atualidade, há uma admirável variedade de textos qualificados como crônicas. Alguns deles com características bastante semelhantes às das narrativas; outros, que misturam elementos de diferentes tipologias, como a argumentação. A existência dessa grande variedade de textos reunidos sob um mesmo rótulo dificulta uma definição precisa das características do gênero. Tal fato se justifica porque esse gênero nasceu no folhetim, em um espaço intitulado variedades.

Igualmente às narrativas em geral, as crônicas podem ter foco narrativo em primeira ou em terceira pessoa e estruturam-se em apresenta-

---

<sup>99</sup> Neologismo criado para se referir a atividade desenvolvida por Machado de Assis que escreveu crônica abordando a temática da produção desse gênero textual. Tal prática tinha o intuito de mostrar ao leitor a importância desse textual como instrumento de denúncia da realidade social, pertencente à segunda metade do século XIX. Assim se tem o enunciador voltado para o próprio código, aplicando a função metalinguística, ou seja, usando a linguagem para falar da própria linguagem na comunicação. (Cf. MOISÉS, 2004, p. 290)

ção, complicação, clímax e desfecho. Semelhante aos contos, estruturam-se em torno de um único conflito, possuem poucas personagens e, exceto quando desempenham uma função específica no enredo, tempo e espaço são elementos secundários. Por sua vez, as crônicas diferenciam-se dos contos por tratarem de temas triviais. Enquanto os contos dedicam-se a tratar dos dramas humanos, as crônicas têm como principal referência o cotidiano.

Assim, o cronista tem como ponto de partida acontecimentos do dia a dia, a partir dos quais ele compõe, por uma ótica subjetiva e crítica, uma narrativa com o propósito de conduzir o leitor a uma reflexão. Na maioria das vezes, essa reflexão não está explícita, como ocorre com a moral das fábulas, mas pode ser inferida a partir do desfecho da narrativa. Como se nota, a crônica é um relato das circunstâncias onde todos os elementos tornam-se importantes para transformar o texto em uma unidade significativa e bem sugestiva para análise.

Logo, acredita-se que a crônica informa muito mais do que as palavras possam traduzir. Através do contexto histórico discursivo, do intertexto e de outros elementos da análise do discurso verifica-se que esse gênero textual vai além do arranjo de palavras. Portanto, pode-se dizer que o texto é uma atividade intencional e se desenvolve por meio de uma prática discursiva interacionista, pois o cronista esteve com frequência dialogando com o interlocutor, buscando uma relação de intimidade, mas também cumplicidade.

Por fim, cabe destacar que as análises propostas neste estudo servirão de referências para que o leitor perceba que Machado de Assis, nunca foi omissivo, nem passivo frente às injustiças sociais do seu tempo. Pelo contrário: com leveza e flexibilidade, fez denúncias sócio-políticas dentro de um cenário de grandes conflitos sociais, por isso ser reconhecido como homem do seu tempo e do seu espaço.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Uma prosa (inérita) com Carlos Drummond de Andrade. *Caros Amigos*, São Paulo, n. 29, p. 12-15, ago.1999.

ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: \_\_\_\_\_. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 51-66.

ASSIS, Machado. Histórias de 15 anos – 1º de novembro de 1877. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/html/cronica/macr01.htm>>.

Acesso em: 07-10-2017.

BRAYNER, Sonia. Machado de Assis: um cronista de quatro décadas. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

BRUM, Fernando Machado. *Literatura e religião: estudo das referências religiosas na obra de Machado de Assis*. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

DUTRA, Lenise Ribeiro. Crônica nos limites da literatura. *Transformar: Revista do Centro de Pesquisa e Extensão (CenPE)*. Fundação Educacional e Cultural São José – Faculdades Integradas Padre Humberto, vol. 5, p. 52-60, 2007. Disponível em:

<<http://www.fsj.edu.br/default.asp?action=cursos&actioncurso=tipocenpe&titulopagina=cenpe>>. Acesso em: 7-10-2017.

FARACO, Carlos Alberto. Machado de Assis: um mundo que se mostra por dentro e se esconde por fora. In: \_\_\_\_\_. *Literatura: autores & época*. São Paulo: Ática, 1994.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 14. ed. 1ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2008.

GARCIA, Othon Moacyr. Os sentidos das palavras. In: \_\_\_\_\_. *Comunicação em prosa moderna*. 17. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997, p. 155-167.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LIMA, Luiz Costa. *Lira e antilira*: Mário, Drummond, Cabral. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. São Paulo: Cultrix, 1983.

\_\_\_\_\_. *A literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1990.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

MOURA, Eloísa da Silva. *Novos olhares, novas leituras das crônicas de Machado de Assis e de Carlos Drummond de Andrade*. 2007. Tese. (Doutorado em Teoria da Literatura). – Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <[http://tede.pucrs.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=469](http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=469)>. Acesso em: 10-10-2017.

NISKIER, Arnaldo. *O olhar pedagógico em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

RESENDE, Beatriz. Em caso de desespero, não trabalhem. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

SABINO, Fernando. *A companheira de viagem*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

TÁVOLA, Artur da. Literatura de jornal (O que é a crônica). *O Dia*, Rio de Janeiro, 27/07/2001.

TEIXEIRA, Tattiana. *A crônica política no Brasil: – um estudo das características e dos aspectos históricos a partir da obra de Machado de Assis, Carlos Heitor Cony e Luis Fernando Veríssimo*, 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/esp/escola.php?codinst=19>>. Acesso em: 10-10-2017.